

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO CELEBRAÇÕES	CÓDIGO DA FICHA					
	GO	01	00	08	F20	03
	UF	SÍTIO-	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Pirenópolis
LOCALIDADE	Pirenópolis
MUNICÍPIO / UF	Pirenópolis

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Reinado
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos; Juizado de São Benedito.
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA

3. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS**

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES

GO 01 00 08 F20 03



SET- 9249 - BANDEIRA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS PRETOS E
BANDEIRA DE SÃO BENEDITO
FOTO: SAULO CRUZ, 2008



SET-0280 - CORTEJO DO REINADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS
PRETOS
FOTO: SAULO CRUZ, 2008

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES

GO 01 00 08 F20 03



SET-9473 – “DOCES” DO REINADO
FOTO: SAULO CRUZ, 2008



FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES

GO 01 00 08 F20 03

4. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO

O Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e o Juizado de São Benedito ou, respeitando a linguagem popular, simplesmente Reinado, são festejos de negros escravos do século XVIII, atualmente considerados como a Festa dos “Pretos”, ou outra festa dentro da Festa do Divino. No domingo que antecede o Domingo de Pentecostes, após a novena, tem-se o ritual de bênção das bandeiras realizado na Igreja Matriz, seguido do levantamento dos mastros e queima de duas fogueiras – uma para cada santo - no largo da Igreja do Bonfim.

Na manhã do segundo e terceiro dia das Cavalhadas acontecem os cortejos, as missas e as fartas distribuições de “doces” (salgados e/ou doces de frutas) e bebidas aos participantes: a segunda-feira, dedicada a Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e terça-feira, a São Benedito. Tudo isso acompanhado pelas bandeiras dos santos homenageados, as insígnias (coroas de prata, quadros, prato do andador e as varas de madeira e de prata dos Juizes), Banda de Couro, Banda Phoenix, Congada, Congos, além dos acompanhantes. É, na atualidade, uma festa da qual participam, em sua maioria, pirenopolinos, residentes ou não no município, pertencentes às mais diversas classes sociais. Mesmo não participando como atores centrais, Reis ou Rainhas, contribuem para a realização e a ampliação dos festejos. Os referenciais rituais que concorrem para a estruturação do festejo do Reinado são obtidos do catolicismo popular.

Atualmente, o primeiro ritual do Reinado – entendido aqui como um período de preparação para os festejos da segunda e terça-feira seguintes ao Domingo de Pentecostes - ocorre na Matriz, no terceiro dia da novena do Divino, quando o padre abençoa as Bandeiras, na presença do Imperador do Divino. Na sequência, forma-se um pequeno cortejo com as duas Bandeiras acompanhadas pela Banda de Couro e um número reduzido de participantes que segue para a Igreja do Bonfim, onde ocorre o levantamento dos mastros com as bandeiras dos santos e a queima das fogueiras. (Ver Mapa no campo 10 desta ficha).

Nos últimos três anos, depois da cerimônia no Largo do Bonfim, o cortejo desceu a Rua da Aurora até a casa do Sr. Zuca (José Maria de Oliveira), antigo participante, para apreciação do Cruzeiro - toras de bananeiras cruzadas portando castiçais de laranja com azeite de mamona e pavio de algodão - e distribuição de quitandas, vinhos e refrigerantes. Trata-se de uma tentativa de resgate da tradição: no passado, os Reis e Juizes do Reinado costumavam acender vários cruzeiros na quinta-feira de Corpus Christi, sendo o maior deles na porta da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos (hoje demolida), em forma de estrela de Davi. É neste dia que são comunicados e confirmados os locais de realização da festa na semana seguinte. Nessa etapa do ritual, é dispensável a participação dos Reis e Rainhas, pois não há quadros nem coroas no cortejo.

Na manhã de segunda-feira, segundo dia das Cavalhadas, o cortejo do Reinado parte da casa do Rei de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e forma-se aos poucos, buscando os integrantes em suas casas (Ver Mapa– Percurso do Reinado de Nossa Senhora do Rosário – campo 10 desta ficha). A ordem de incorporação das insígnias ao cortejo (as varas de madeira e prata) não são mais respeitadas, devido às longas distâncias a serem percorridas e pela falta de componentes.¹

No dia destinado ao Reinado de Nossa Senhora do Rosário, os Juizes das Varas buscam a corte de São Benedito (primeiro o Juiz, ou Rei e depois a Juíza, ou Rainha de São Benedito), dirigem-se à casa do Rei de Nossa Senhora do Rosário para incorporá-lo ao cortejo. Em seguida, partem para a casa da Rainha de Nossa Senhora do Rosário (Ver Mapa – Percurso do Juizado de São Benedito – campo 10 desta ficha). O cortejo, então, vai em direção à Igreja para a realização da missa, que nos últimos anos vem sendo celebrada na Igreja do Bonfim. Na cerimônia religiosa, quando celebrada, o Coro de Nossa Senhora do Rosário, acompanhado por parte da Banda Phoenix, comparece para cantar antigas músicas sacras, preparadas especialmente para a ocasião.

A realização das Missas do Reinado e do Juizado, bem como a presença ou não do Coro, dependem da vontade do padre, que nem sempre revela disposição para realizar a empreitada relacionada às celebrações do Reinado, cuja dimensão religiosa - no espaço da igreja – é por ele efetivamente controlada.²

¹ As IRMANDADES DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS PRETOS E DE SÃO BENEDITO – A PRIMEIRA CRIADA NOS MEADOS DO SÉCULO XVII E A SEGUNDA NOS PRIMEIROS ANOS DO SÉCULO XIX, PERMANECERAM ATIVAS ATÉ AS ÚLTIMAS DÉCADAS DO SÉCULO XX, ORGANIZANDO E PARTICIPANDO DOS FESTEJOS. HOJE, SEM AS IRMANDADES, O NÚMERO DE PARTICIPANTES NO PRIMEIRO MOMENTO DO RITUAL É VISIVELMENTE REDUZIDO; AS REGRAS SÃO MAIS OBEDECIDAS QUANDO ACONTECE A BUSCA E ENTREGA DOS REIS E RAINHAS DE SÃO BENEDITO E NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, NA SEGUNDA E TERÇA-FEIRA SEGUINTE AO DOMINGO DO DIVINO.

² NO ANO DE 1999, POR EXEMPLO, O PADRE SE NEGOU A REALIZAR A MISSA DO REINADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO ALEGANDO “NÃO TER SENTIDO REALIZAR UMA MISSA CUJO SIGNIFICADO É O RACISMO”. NA OCASIÃO, OS FIÉIS SE CONTENTARAM EM REZAR UM TERÇO, MAS A RAINHA, DIVINA OLIVEIRA, SE NEGOU A DEVOLVER A COROA E FOI RAINHA NOVAMENTE NO ANO SEGUINTE; SEGUNDO ELA, A PROMESSA NÃO FORA CUMPRIDA PELO FATO DE NÃO TER ASSISTIDO À MISSA. (CORREIO BRASILIENSE, 5 DE MAIO DE 1999)

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**GO 01 00 08 F20 03**

Na saída do cortejo da Igreja, o público e o interesse popular são ampliados, uma vez que o primeiro ato é realizado muito cedo e a maioria dos participantes ainda está dormindo, em vista da intensa programação da véspera: o Domingo do Divino que, além de missa e procissão, conta com as Cavalhadas e as boates noturnas (*ranchos*), que funcionam até altas horas da madrugada. Via de regra, é necessário que haja um motivo fortemente internalizado para comparecer ao início dos cortejos, pois, além do horário, as distâncias percorridas são enormes. Ao ganhar novamente as ruas com toda a estrutura do cortejo montada - bandeiras, quadros, bandas, grupos de Congo e Congada – e uma multidão de acompanhantes, o Reinado segue para a festa na casa da Rainha. As bandas se intercalam na exibição de suas músicas, o clima é de alegria e descontração.



SET-6291 – REI E RAINHA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS
PRETOS. AO CENTRO A ANFITRIÃ COLANDI DE CARVALHO PORTANDO O
PRATO DO ANDADOR
FOTO: CRISTOPHE SCIANNI, 2008

Em 2008, O Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos teve como Rei, José Antônio Parrila dos Santos e como Rainha, Laurita da Veiga, ambos pirenopolinos que já realizaram este festejo em outros anos. José Parrila, hoje residente em Goiânia, declarou ter participado para manter a festa e contribuir com a tradição; a Rainha, moradora na cidade, para cumprir voto feito à santa. Foram realizadas duas distribuições de “doces”, ambas no Bairro do Bonfim.

A missa foi realizada na Igreja do Bonfim, porém com poucos assistentes, que foi interditada pelo Corpo de Bombeiros, devido a um ataque de abelhas. A celebração foi realizada apenas com a presença do Rei e da Rainha e alguns poucos participantes; os demais se espalharam pelas ruas próximas ao Largo, aguardando o término da missa para seguir para a festa.

Na terça-feira, o Juizado saiu da casa da Rainha de Nossa Senhora do Rosário, Laurita da Veiga, sem a presença do Rei que voltara para Goiânia e que foi substituído pelo marido da Rainha, Sr. Benedito Consuelo da Veiga, Imperador do Divino no ano de 2007. O pequeno cortejo chegou ao Nena's restaurante na Rua da Aurora, espaço reservado para a festa, para buscar o Juiz e a Juíza do Cordão de São Benedito. O Juizado é comumente chamado de Reinado e seus representantes de Rei e Rainha, apesar da hierarquia os considerar juízes.

Os juízes do cordão de 2008 foram Manoel Inácio D'Abadia Aquino de Sá Filho e sua esposa, Neusa Yoko Dehira Aquino de Sá. Ely de Sá, como é conhecido na cidade, foi também Imperador do Divino no ano de 1979.

A missa foi transferida para o Salão Paroquial e contou com um número mais expressivo de participantes do que o Reinado, no dia anterior. O cortejo em direção à festa de distribuição de doces contou com a participação da Banda de Música Phoenix. Houve uma única distribuição de doces pelo fato de Juiz e Juíza serem da mesma família.

SET – 6792-2 – JUÍZES DO CORDÃO DE SÃO BENEDITO
FOTO: CRISTOPHE SCIANNI, 2008

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**GO 01 00 08 F20 03**

Desde a década de 1990, o Reinado é organizado por Geraldo Herculano de Oliveira, filho de Jackson Basílio de Oliveira (falecido em 1994), que presidiu as Irmandades nos últimos anos de reunião dos irmãos confrades, no final da década de 1960. Ambos - primeiro o pai e depois o filho – são considerados os andadores do Reinado e responsáveis por decidir quem serão os ocupantes dos cargos. Por este motivo, não há sorteios e nem a escolha dos Juízes e Juízas das varas de madeira e prata que compunham antigamente a hierarquia das varas.

No passado, a escolha dos Juízes e Juízas ficava a cargo das mesas diretoras das Irmandades que escolhiam em reunião os cargos do Reinado e do Juizado. Para se chegar a Rei ou Rainha de Nossa Senhora do Rosário e a Juiz e Juíza de São Benedito, hierarquia máxima, era necessário passar pelos cargos de Juiz e Juíza das varas inferiores. A hierarquia das varas era assim composta:

- O Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos era formado pelos seguintes personagens: Rei, Rainha, Juiz e Juíza da Vara de Prata; Juiz e Juíza do Ramallete; Juiz e Juíza do Manto; Mordomo do Mastro, Mordomo da Bandeira, Mordomo da fogueira.

- No Juizado de São Benedito, era a seguinte a hierarquia: Juiz e a Juíza do Cordão, Primeiro Juiz e Juíza das Flores, Segundo Juiz e Juíza das Flores, Terceiro Juiz e Juíza das Flores; Mordomo do Mastro, Mordomo da Bandeira e Mordomo da Fogueira. O Andador (coordenador do Reinado e Juizado) era função comum aos dois festejos, sendo o primeiro a iniciar o cortejo e o último a deixá-lo, após a entrega de todos os juízes do dia (Brandão, 1978). Hoje quem ocupa esse cargo é Geraldo Herculano de Oliveira.

As Irmandades de Nossa do Rosário dos Pretos e de São Benedito eram as responsáveis pela manutenção e organização das atividades na Igreja de Nossa Senhora dos Pretos – demolida na década de 1940, das quais o Reinado e o Juizado faziam parte. Para se chegar a Rei, Rainha, Juiz ou Juíza, os candidatos tinham que ser aprovados pelas mesas diretoras das Irmandades e pagar em ouro as chamadas “jóias” aos santos homenageados, cujo valor estava associado ao grau da hierarquia ocupado. Esses participantes adquiriam ainda o direito a um funeral como o dos brancos e eram enterrados dentro da Igreja.

Em 2008, Geraldo Herculano fez as seguintes nomeações: para Juiz da Vara de prata, Tim de Sá; para Juiz das Flores, Roque Pereira de Fontes; para Juíza do Ramallete, Tereza Caroline Lôbo; para Juíza do Cordão, Delzuita de Almeida. Estes componentes não pagam as “jóias” como no passado; além disso, a hierarquia não é completa e não segue a ordem imposta pelas Irmandades. Mesmo citados na programação da festa, alguns dos nomeados não comparecem e são substituídos de última hora para que o cortejo possa desfilar pelas ruas. Para o próximo ano, ainda não se sabe quem serão o Rei, a Rainha, o Juiz e a Juíza.

Fonte:

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O Divino, o Santo e a Senhora*. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1978, 163p.
CORREIO BRASILIENSE, 5 de maio de 1999.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	GO	01	00	08	F20	03
-------------------------------------	----	----	----	----	-----	----

5. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA CELEBRAÇÃO

5.1	CARACTERÍSTICAS GERAIS
-----	------------------------

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**GO 01 00 08 F20 03**

As celebrações dos festejos do Reinado em Pirenópolis são configuradas em três momentos rituais diferentes e estão associados aos lugares de realização da festa: as casas dos Reis e Rainhas, as ruas por onde passam os cortejos e a Igreja, constituindo um triângulo de rituais formados por cortejo, missa e as “festas de doces”.



SET – 9489 – FESTA DO “DOCE” NA CASA DO REI E DA RAINHA DE SÃO BENEDITO
FOTO: SAULO CRUZ, 2008

SET – 6733 – CORTEJO DE SÃO BENEDITO PELAS RUAS DA CIDADE
FOTO: CRISTOPHE SCIANNI, 2008



SET – 6239 – MISSA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS PRETOS NA IGREJA DO BONFIM.
FOTO: CRISTOPHE SCIANNI, 2008

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**GO 01 00 08 F20 03**

Um primeiro lugar essencialmente ritualístico é composto pelas casas dos Reis e Rainhas, onde são realizadas as distribuições de doces e de onde partem os cortejos. Neste caso, as casas, transformam-se em lugares públicos. O segundo lugar que compõe o ritual são as ruas trilhadas pela corte, invertendo a lógica de apropriação verificada nas casas, já que o espaço público torna-se momentaneamente domínio da Festa. E, por fim, a Igreja e seu entorno que, em comparação com as casas e os cortejos, é o que apresenta o menor número de participantes e não sofre transformações em seus atributos fundamentais.

Ao sair da casa e ganhar as ruas, passando pela Igreja, os espaços ocupados durante o Reinado se unificam e todo o festejo é visto como uma totalidade.



SET – 8165 – SAÍDA DO CORTEJO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS PRETOS EM BUSCA DA RAINHA - PÚBLICO REDUZIDO.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008



SET – 9427 – SAÍDA DO CORTEJO DA IGREJA EM DIREÇÃO À FESTA DO "DOCE" - PÚBLICO AMPLIADO.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008

A

casa é enfeitada na véspera dos festejos com bandeirolas brancas e azuis e tem seu espaço ampliado. O uso da casa é alterado, com camas cheias de doces e salgados, caixas de refrigerantes na sala, coroas e varas dentro da cozinha.

A rua toda e, muitas vezes, as casas vizinhas são incorporadas para receber os participantes, que se acomodam nas calçadas e na própria rua, pois o interior da casa é reservado apenas à corte festiva – Reis, Rainhas, bandas e autoridades presentes. Os parentes e amigos se dividem na tarefa de distribuir os “comes e bebes”, onde o exagero e a variedade são sinônimos de festa boa. Terminada a distribuição da comida que não dura mais que trinta minutos, o cortejo segue para outra festa na casa do Rei.

Em 2008, o Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos teve duas distribuições de comida, uma na casa de Dona Laurita e a outra na casa da Colandi de Carvalho, que cedeu sua residência ao amigo José Antônio, Rei de Nossa Senhora do Rosário. Na terça-feira, no Juizado de São Benedito, houve apenas uma festa, pelo fato de Rei e Rainha serem marido e mulher.

Terminadas as festividades nas casas do Rei e da Rainha, o cortejo volta a contar com público reduzido, para o ritual de devolução da corte às suas casas. Comumente o cortejo se desfaz na porta da casa do Geraldo Herculano de Oliveira, atual organizador, onde as bandeiras, os quadros e as coroas são guardados até o ano seguinte.

5.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	GO 01 00 08 F20 03
--	---------------------------

Igreja do Bonfim – local onde, nas últimas décadas, ocorre o levantamento dos mastros, a queima das fogueiras e as missas. Em 2008, por motivos já apontados, a missa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário foi prejudicada e poucas pessoas assistiram à cerimônia. No dia seguinte, terça-feira, a missa de São Benedito foi celebrada no Salão Paroquial, atualmente transformado em Igreja.

Igreja Matriz – local da cerimônia de bênção das Bandeiras dos mastros de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. No passado, após a demolição da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, alguns Reinados foram celebrados na Matriz.

Ruas – as ruas que compõem o trajeto entre as casas dos Reis e Rainhas e a Igreja e da Igreja de volta às casas dos Reis e Rainhas.

Casas dos Reis e Rainhas - onde ocorre farta distribuição de doces (salgados e/ou doces cristalizados) e bebidas (refrigerantes e os tradicionais licores). Mesmo sendo a casa o referencial, é na rua que acontece a distribuição da comida.

5.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A CELEBRAÇÃO

A casa de realização da festa de distribuição de doces e salgados é comumente a residência dos Reis e Rainhas. Em 2008, a casa do Rei de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos foi cedida por uma amiga pelo fato da casa do Rei ficar fora da zona urbana. O mesmo aconteceu com o Juizado, na terça-feira: o casal alugou um restaurante no centro histórico para realização da festa.

A Igreja escolhida nos últimos anos para a realização da missa é a Igreja do Bonfim, sempre negociada pelo organizador (Geraldo Herculano de Oliveira) que faz questão de trazer para as celebrações padres que não pertencem à Paróquia, mas descendem de famílias locais. Não há por parte da Paróquia local interesse em realizar tal cerimônia, uma vez que não é comum a realização missas nas segundas e terças-feiras pela manhã. Entretanto, em 2008, a missa de São Benedito aconteceu no Salão Paroquial, como já apontado.

O traçado dos cortejos pelas ruas é definido pelo organizador, Herculano, que tem a preocupação de cumprir a hierarquia de incorporação apenas dos Reis e Rainhas aos cortejos. Os demais Juizes não seguem mais a tradição de incorporação ao cortejo como na época de atuação das Irmandades. Independente do local da residência, na segunda-feira o cortejo sai da casa do Rei de São Benedito, segue para a casa da Rainha de São Benedito, depois para a residência do Rei de Nossa Senhora do Rosário e por último a casa da Rainha de Nossa Senhora do Rosário; só então o cortejo vai para a igreja. Após a missa, a ordem é invertida: primeiro, a casa da Rainha de Nossa Senhora do Rosário e em seguida a casa do Rei, para as festas; o pequeno cortejo entrega então a Rainha de São Benedito e por último o Rei de São Benedito. Na terça-feira, o cortejo obedece às mesmas etapas, começando e terminando na casa do Rei de Nossa Senhora do Rosário. Para cumprir essa tradição, muitas vezes os caminhos percorridos pela corte são longos, quando coincide de Rei ou Rainha morarem em bairro opostos, Vila Matutina e Bairro do Bonfim, por exemplo.

6. TEMPO

DATA	☐ DATA FIXA: DIA ____ MÊS _____ ☒ DATA MÓVEL: Domingo anterior ao Domingo de Pentecostes e segunda e terça-feira seguintes ao Domingo de Pentecostes (Consultar Anexo - Registros Audiovisuais GO-01-00-08-F01-A2) mingo de Pentecostes.										
DURAÇÃO	DE 7H ÀS 11H										
PERIODICIDADE	☒ ANUAL ☐ OUTRA										
OCCORRÊNCIA EFETIVA DESDE 1997											
1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	GO 01	00 08 F20 03
--	--------------	---------------------

7. HISTÓRIA

7.1 ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES
--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES

GO 01 00 08 F20 03

A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, autorizada pela Provisão de 22/12/1742 do Visitador Diocesano, Padre José de Frias e Vasconcelos (Livro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Meia Ponte – 1758), e a Irmandade de São Benedito, cujo Termo de Compromisso é de 1811 (Brandão, 1978, p.109), coordenaram a edificação e as atividades da Igreja dos Pretos por mais de um século, sendo ambas sustentadas por doações dos empregados – membros das Irmandades - que pagavam em ouro para ingressar nas confrarias.

Essas Irmandades dividiam o espaço de atuação dentro da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Este templo representou um marco fundamental de identidade, por abrigar as duas confrarias cujos membros, em sua maioria, eram negros, forros e escravos, daí a designação de Igreja de Nossa Senhora do Rosário “dos Pretos”. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, primeira a ser criada, foi a responsável pela construção do templo entre os anos de 1743 e 1757, sendo seu altar principal pertencente a Nossa Senhora do Rosário, com imagem própria e diferente da colocada na Matriz de Nossa Senhora do Rosário “dos brancos”. A Irmandade de São Benedito teve sua fundação após a construção do templo, ocupando um dos altares laterais da Igreja dos Pretos.

A administração de cada confraria ficava a cargo de uma *mesa*, presidida pelo Pároco local ou seu representante legal – o fabriqueiro - e composta por juizes, mordomos, tesoureiro, andador, secretário, zelador e procurador, os quais, juntamente com os irmãos associados, desenvolviam diversas tarefas: arrecadação de fundos, financiamento de funerais, manutenção do templo, pagamento de serviços prestados e, dentre outras, a organização das festas, como o Reinado e o Juizado. A cada ano se renovavam, por meio de eleição, os integrantes da *mesa* e era feita a escolha de Reis, Rainhas, oficiais e empregados que serviriam no Reinado de Nossa Senhora do Rosário e no Juizado de São Benedito.

As Irmandades, apesar de iniciadas em épocas diferentes e possuírem *mesas* administrativas próprias, atuavam juntas como associações corporativas fundadas na convivência entre matrizes culturais diversas, representando os diferentes grupos sociais presentes, regulados pelo critério étnico. Criadas pela Igreja Católica como veículo de acomodação e domesticação do espírito negro, na prática as Irmandades funcionaram como meio de afirmação cultural, servindo como aliança interétnica dentro da comunidade local. Entretanto, no decurso do tempo, o particularismo étnico cedeu lugar aos critérios de tempo de serviços prestados às Irmandades e ao pertencimento a famílias historicamente envolvidas com as confrarias e seus festejos.

Reduzidos os trabalhos da mineração, a Abolição, a miséria e o pouco número de negros na cidade fizeram com que as Irmandades dos pretos perdessem seu vigor, o que se agravou ainda mais com a implantação, em Pirenópolis, do processo de romanização da Igreja Católica, a partir da década de 1920. Modificam-se os integrantes das Irmandades e, conseqüentemente, o Reinado: há o abandono dos negros, seguidos pelos brancos de posses; permanecem na festa apenas os brancos pobres e mestiços que se incluíam no ritual para pagar voto válido aos santos.

Desse modo, por muito tempo o Reinado foi depreciado e visto como festa em decadência. Ao longo do tempo, sofreu constantes redefinições e reelaborações, tanto espaciais quanto temporais: de festas de negros, no século XVIII e XIX, transformou-se em festa de brancos pobres até chegar hoje à manifestação cultural que conta com a presença de pirenopolinos pertencentes às mais diversas classes sociais. (Lôbo, 2006).

Uma das alterações foi o deslocamento dos festejos de sua data original, como festa independente, para tornar-se coadjuvante na Festa do Divino Espírito Santo. É provável que no período anterior a 1819, ano de realização do primeiro registro do festejo do Divino, o Reinado acontecesse nos dias de São Benedito (abril) e de Nossa Senhora do Rosário (outubro) e representasse grande festividade para os negros.

Sobre a remota origem do Reinado, Brandão aponta dois indicadores:

1º) A documentação já citada de concessão de direitos aos escravos de erigirem sua Irmandade nos meados do século XVIII. Ora, em todo o Brasil as Irmandades de Nossa Senhora do Rosário estão associadas a rituais como os de Coroação do Rei do Congo, Congadas ou Reinados.

2º) Os testemunhos do fabriqueiro e do zelador de que há, indiscutivelmente, em Anápolis, livros de atas de reuniões de ambas as Irmandades, para a “escolha” de personagens do ritual. As atas são de reuniões feitas na segunda metade do século XVIII. O autor participa da idéia de que o Reinado é um ritual do século XVIII e, por conseqüência, muito anterior à Festa do Espírito Santo (1978, p. 151).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**GO 01 00 08 F20 03**

A partir do século XIX, o Reinado já se conformava através de padrões de envolvimento familiar com os festejos, independentemente de seu poder aquisitivo e da posição e classe social, já que a participação definia-se, agora, pela devoção aos santos e pagamentos de promessas. Segundo a tradição oral, era bastante comum alguém ser Rei ou Rainha, ou mesmo juntar-se ao cortejo com os pés descalços, para pagar voto feito em seu nome por outra pessoa. Com a Abolição da Escravatura, as Irmandades gradativamente diminuíram seu poder de atuação. Entretanto, os festejos do Reinado perdem seu vigor na década de 1940, com a demolição da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, transferindo seu palco primeiro para a Matriz de Nossa Senhora do Rosário, a Igreja dos brancos e, depois, para a Igreja do Bonfim.



IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS PRETOS POUCO ANTES DA DEMOLIÇÃO NO INÍCIO DA DÉCADA DE 1940

FONTE: — ARQUIVO ETEC - IPHAN —PIRENÓPOLIS

O número de partícipes das Irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e de São Benedito diminuiu consideravelmente, como atestam as últimas atas de reunião que, a partir de 1969 (Livro de Atas das Irmandades de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário – 1919 a 1992), não têm nem mesmo a assinatura do vigário local. Desde então, todas as responsabilidades pela realização do *Reinado* ficaram nas mãos do fabriqueiro e do zelador das Irmandades.

A partir da década de 1980, em função das rápidas transformações sofridas pela cidade - não só na sua área urbana, como também da redefinição de seus rumos econômicos, voltados agora também para um projeto de turismo regional - é que o festejo do Reinado amplia suas dimensões, colaborando para que os participantes – na maioria pirenopolinos - resgatem uma sensação estável de pertencimento ao lugar, a partir dos critérios de continuidade das gerações e de manutenção e envolvimento com suas tradições.

Fontes:

Arquivo Particular de Geraldo Herculano de Oliveira, Pirenópolis. *Livro de Atas das Irmandades de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário* – 1919 a 1992.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O Divino, o Santo e a Senhora*. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1978, 163p.

IPEHBC – *Livro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos* – 1758.

LÔBO, Tereza Caroline. *A singularidade de um lugar festivo: o Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e o Juizado de São Benedito em Pirenópolis*. Goiânia. UFG. 2006. (Dissertação de Mestrado)

7.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	GO 01 00 08 F20 03
--	---------------------------

Em entrevista, Sebastião Profeta do Amaral, conhecido por Seu Bastião de Chica, que foi Rei do Reinado nos anos de 1951, 1976 e 1977 - e ainda participava como Congo e Tapuio, dançando e ensaiando o grupo, quando perguntado sobre o que era servido na festa do “doce”, diz: *“olha, foi empadão, doce demais. De leite, de tudo quanto é trem, amendoim. Seco, seco [doce cristalizado]. Porque naquele tempo, naquele tempo eu podia, naquele tempo eu podia, né, eu era inteiro. Ganhava dinheiro demais, eu não aprendi a trabalhar, mas gastar eu aprendi, eu fiz festa demais. Era seis hora da tarde lá em casa tinha gente deitado bêbado, curti cem litros de vinho de jabuticaba, de caju”* Considera que a festa mudou muito nos últimos anos, mas nem por isso deixou de acompanhar os cortejos e viver momentos saudosistas, como que está caracterizado em sua fala quando relembra os anos em que foi Rei com destaque para a fartura.

Sebastião Profeta do Amaral, em entrevista realizada dia 12 de maio de 2008

Uma das pessoas encarregadas de fazer os salgados do Reinado é D. Divina de Oliveira, que também já foi Rainha. Dona Divina participa ativamente, atuando junto com Herculano na confecção das bandeiras que ficam nos mastros na porta da Igreja do Bonfim. Entrevistada em sua casa quando fazia os salgados para o Rei e a Rainha de Nossa Senhora do Rosário de 2008, aflita por ter perdido a saída do cortejo, mas convicta que terminaria o ofício até a hora da missa, afirma que passou a madrugada toda fazendo dois mil salgados para o Rei e dois mil salgados para a Rainha, estando, até aquele horário sem dormir. Quando perguntada sobre sua participação, assim respondeu: *“Se o Espírito Santo me abençoar, Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, eu quero ser rainha, ou de São Benedito ou de Nossa Senhora do Rosário. Qualquer um, se Deus quiser”*. D. Divina afirma ainda que participa do Reinado há *“cinquenta anos, que eu vou fazer 73, desde treze anos eu acompanho o pai de Herculano, que é Jackson Basílio de Oliveira”*

Divina de Oliveira, em entrevista realizada dia 12 de maio de 2008

Dona Laurita foi a Rainha do Reinado de Nossa Senhora do Rosário de 2008. Filha de Seu Bastião de Chica, citado acima, está sempre muito envolvida com os festejos do Divino. Já há bastante tempo canta no Coral de Nossa Senhora do Rosário durante as novenas. Seu marido foi Imperador do Divino do ano de 2007. Quando perguntada pela equipe da pesquisa sobre qual sua sensação e o porquê de ser Rainha no Reinado de Nossa Senhora do Rosário, assim respondeu: *“ah, é uma coisa inexplicável, que a gente, né, que não tem nem como explicar, é uma coisa muito boa, uma coisa maravilhosa, ainda mais que eu to cumprindo uma promessa que eu recebi uma graça muito grande de Nossa Senhora do Rosário, que é há trinta e um anos atrás, o médico disse que minha irmã não tinha cura, se ela escapasse era por milagre, e eu pedi Nossa Senhora do Rosário que desse vida pra ela criar os filhos, que tavam todos pequenos, ela tinha quatro filhos pequenos, e hoje ela já tá ajudando a criar os netos e tem até bisnetos já, né, tá ajudando a criar bisnetos, então pra mim foi, é uma sensação muito maravilhosa dizer que, né, que Nossa Senhora me deu esse grande milagre, que foi milagre que o médico me disse que se ela escapava era milagre”* D. Laurita deu este depoimento na porta de sua casa quando o cortejo retornou da missa. Ela estava bastante emocionada e fez questão de agradecer a presença de todos.

Laurita Vitoriano da Veiga, 12 de maio de 2008

Um sentimento recorrente no Reinado é o da manutenção das tradições. Neste sentido, há a preocupação dos participantes em manter as características rituais dos festejos e de preencher os espaços festivos outrora ocupados por seus antepassados. O Juiz do Cordão de São Benedito ou Rei de São Benedito de 2008 é neto do Coronel Chico de Sá, Francisco José de Sá, homem de posses que realizou em 1917 o festejo do Divino, lembrado e contado por muitos como uma das mais grandiosas festas que a cidade vivenciou. Ele próprio, Manoel Inácio D’Abadia Aquino de Sá Filho, foi Imperador do Divino em 1979. A família Sá tem tradição de envolvimento no Reinado; a casa do patriarca localizava-se ao lado da Igreja do Rosário Velho, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, onde as Irmandades se reuniam e de onde partiam os festejos do Reinado. Em discurso no dia do Juizado de São Benedito deixa claro o desejo de perpetuar uma tradição familiar: *“agradeço a minha família que trabalhou bastante para que esse juizado pudesse ser realizado. Agradeço principalmente a presença de vocês, a presença do povo que dá brilhantismo a essa festa. E estou aqui para cumprir o meu dever, e espero que os meus filhos amanhã dêem continuidade, façam a parte deles para que Pirenópolis continue sempre cumprindo suas tradições. Muito obrigado a todos”*. Durante os festejos, o Rei de São Benedito deixou implícitas suas intenções políticas de candidatar-se nas eleições municipais deste ano, confirmando outra tradição familiar, a de participação na política local.

Manoel Inácio D’Abadia Aquino de Sá Filho, 13 de Maio de 2008

7.3. CRONOLOGIA

DATA	DESCRIÇÃO
------	-----------

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	GO 01 00 08 F20 03
--	---------------------------

1727	Início da mineração em Pirenópolis e chegada dos primeiros negros escravos.
1728	Construção da Matriz de Nossa Senhora do Rosário (dos brancos).
1740	Ano em que a população de escravos no município atingiu seu ápice, 1334 escravos.
1743 a 1757	Período de construção da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, local de atuação das Irmandades dos pretos e dos festejos do Reinado, que, neste período, aconteciam em suas datas originais.
1753	Termo de compromisso da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. A Irmandade cuidava das atividades realizadas na Igreja do “Rosário Velho”, como era conhecida a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e organizava os festejos do Reinado.
1811	Termo de compromisso da Irmandade de São Benedito, que atuava junto com a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos nas atividades da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e organizava os festejos do Juizado.
1819	Ano do primeiro registro de realização dos festejos do Divino.
Final do séc. XIX	Com a abolição da escravatura, o Reinado perde seu vigor e figura como festa em decadência. É o período provável de junção dos festejos do Reinado aos festejos do Divino.
1936	Reforma da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos que substituiu as torres laterais por uma outra, central, em outro estilo. A reforma fracassa e a Igreja sofre risco de ruir.
1939	Transferência do Reinado da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos para a Igreja do Bonfim e depois para a Igreja Matriz, alternando entre estes dois locais sem uma lógica aparente.
1941	Primeiros dados encontrados sobre a união dos festejos do Reinado com a Festa do Divino (Livro de Tombo da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Pirenópolis – 1929 a 1955, p.75-76).
1943	Demolição da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos.
1969	Última ata de reunião das Irmandades para escolha dos Reis e Rainhas e oficiais do Reinado e Juizado. Esta ata não tem assinatura do Pároco.
Década de 1970	Período de realização da pesquisa de campo de trabalhos acadêmicos sobre o Reinado, prevendo sua extinção.
Década de 1980	A ampliação dos bairros periféricos da cidade, o tombamento do centro histórico (1989) e o movimento de inserção dos festejos do Divino no processo de desenvolvimento turístico regional e nacional foram fatores que provocaram mudanças nas relações sociais e no modo de ser da população local, reforçando no Reinado imagens à feição da comunidade. Seus cortejos são revalorizados e ampliados.
1993	Morre o último zelador das Irmandades, Jackson Basílio de Oliveira e os festejos passam a ser organizados por seu filho, Geraldo Herculano de Oliveira.
2008	Projeto Registro da Festa do Divino que considera o Reinado como uma das celebrações da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis.

8. ATIVIDADE

8.1. PROGRAMAÇÃO	
ETAPA	ATIVIDADE
Benção das bandeiras	As Bandeiras de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito são bentas no terceiro dia da novena do Divino na Igreja da Matriz e seguem em cortejo até a Igreja do Bonfim, onde são hasteadas ao som da Banda de Couro, acompanhadas de muitos fogos.
Levantamento dos mastros	Os mastros de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito são levantados na porta da Igreja do Bonfim após a bênção na Matriz e ali ficam até a quinta-feira de Corpus Christi, quando são desmontados e guardados até o ano seguinte.

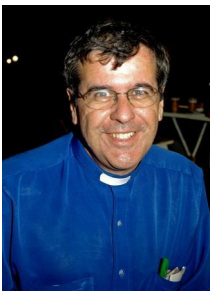
FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES		GO	01	00	08	F20	03
Queima das fogueiras	As fogueiras são duas, uma em homenagem a cada santo, e são acesas no momento em que o cortejo com as Bandeiras chega à Igreja do Bonfim para o hasteamento no terceiro dia da novena, ou seja, no domingo que antecede o domingo do Divino. As fogueiras são montadas ao lado da praça e têm aproximadamente dois metros de altura.						
Cruzeiro	Após o levantamento dos mastros e a queima das fogueiras, o cortejo segue da porta da Igreja do Bonfim para a casa do Seu Zuca, para apreciação do Cruzeiro - toras de bananeiras cruzadas portando castiçais de laranja com azeite de mamona e pavio de algodão. Neste momento, há a distribuição de biscoitos, pipocas, licores e refrigerantes, acompanhados da Banda de Couro. Conversando com a equipe de pesquisa, Seu Zuca diz que <i>“tem repetido esse ritual em sua casa nos últimos quatro anos com a finalidade de resgatar uma tradição, pois, no passado, os Reis e Rainhas acendiam cada qual um cruzeiro em sua porta no dia de Corpus Christi para indicar o local de realização dos festejos do ano seguinte.”</i>						
Saída do cortejo	Na segunda-feira, segundo dia das Cavalhadas, o Reinado homenageia Nossa Senhora do Rosário. O cortejo sai da casa do Rei de São Benedito às 7 horas da manhã, acompanhado de poucos participantes e segue para a casa da Rainha de São Benedito. Em seguida, o cortejo se dirige para a casa dos Reis de Nossa Senhora do Rosário, seguindo para a Igreja onde é realizada a missa. Na saída do cortejo, os únicos participantes são a Banda do Reinado, os Reis e Rainhas, os carregadores dos quadros e varas e os porta-bandeiras, acompanhados do fogueteiro. Na terça-feira o cortejo se repete tendo início na casa do Rei de Nossa Senhora do Rosário.						
Missa	A missa é normalmente realizada na Igreja do Bonfim. Na segunda-feira é realizada a missa em homenagem a Nossa Senhora do Rosário e, na terça-feira, a São Benedito. A cerimônia costuma ser acompanhada pelo Coral de Nossa Senhora do Rosário que, ao final, entoia os hinos dos santos homenageados. Esses são os aspectos que diferenciam essas cerimônias das missas dos domingos não festivos. Na concepção da Igreja, não há reconhecimento da separação entre as festividades do Divino e as do Reinado.						
Cortejo principal	Após a missa, o Reinado ganha novamente as ruas, agora com toda sua estrutura montada e uma multidão de acompanhantes. As bandeiras dos santos vêm à frente, seguidas pelas varas (madeira e prata) e os dois quadros com os Reis e Rainhas com suas insígnias. No primeiro quadro, seguem o Rei e Rainha do santo homenageado naquele dia. Atrás dos quadros vêm os Congos, a Congada, a Banda de Couro - ampliada com a presença dos tocadores das caixas de couro pertencentes ao Reinado e a Banda de Música Phoenix, quando esta participa: em 2008 a Banda Phoenix esteve presente no Reinado de terça-feira em homenagem a São Benedito. Atrás e ao lado do cortejo vem uma multidão de acompanhantes que, ao som das bandas e grupos que intercalam suas músicas e apresentações, seguem em direção à “festa do doce”. Nesse momento, os estouros dos fogos se intensificam, dando a localização do cortejo.						
Festas de Doces	A primeira distribuição dos “doces” (salgados, biscoitos, doces de frutas cristalizadas, licores, vinhos, refrigerantes e cerveja) acontece na segunda-feira na casa da Rainha de Nossa Senhora do Rosário. Muitas vezes a casa e a rua são enfeitadas na véspera com bandeirolas azuis e brancas. É uma comemoração rápida, pois o cortejo é novamente montado e segue para a casa do Rei de Nossa Senhora do Rosário para nova distribuição.						
Cortejo de devolução	O cortejo final tem tão poucos participantes quanto o do início. É formado basicamente pelas bandeiras, seguidas por poucas varas, o quadro com o Rei e a Rainha que irão realizar a festa do dia seguinte e as caixas que tocam somente no Reinado. Esse pequeno cortejo termina sua participação na casa do organizador, Geraldo Herculano de Oliveira, onde as insígnias ficam guardadas para o dia seguinte, ou no caso da terça-feira, até os festejos do ano seguinte.						

8.2. PRINCIPAIS PARTICIPANTES	
STATUS	FUNÇÃO

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES		GO	01	00	08	F20	03
Portas-bandeiras	Transportar as Bandeiras dos santos homenageados – Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e São Benedito. Vêm à frente do cortejo indicando as ruas a serem percorridas.	 SET – 6287 – Os PORTAS BANDEIRAS FOTO: CRISTOPHE SCIANNI, 2008					
Juízes e Juízas	São os oficiais do Reinado. No passado, eram escolhidos pelas mesas diretoras das Irmandades que, em reunião, nomeavam os cargos do Reinado. Assim, para se chegar a Rei ou Rainha, hierarquia máxima, era necessário passar pelos cargos de Juiz e Juíza das varas inferiores (do Ramalhete, das Flores e do Manto). Hoje são indicados pelo organizador (Herculano) cuja função é compor a estrutura do cortejo, segurando uma vara de madeira e a vara de prata, que indica a intenção e realizar o Reinado no ano seguinte.	 RESTARQ-0001-VAS-F20 03- JUÍZES DE SÃO BENEDITO FOTO: VANDERLEI ALCÂNTARA, 2008					
Carregadores de quadro	Participantes de todas as faixas etárias que se postam nos cantos dos quadros que delimitam o espaço ocupado pelas cortes. Os quadros são formados por quatro varas de madeira que, seguradas por quatro participantes, formam um quadrado que abriga em seu interior o Rei e a Rainha.						
 SET-1482- MANOEL INÁCIO D'ABADIA AQUINO DE SÁ FILHO (ELI DE SÁ)- JUIZ DO CORDÃO FOTO: SAULÇO CRUZ, 2008	Também conhecido como Rei de São Benedito. Na segunda-feira, sua função é compor os cortejos para buscar e entregar o Rei e Rainha de Nossa Senhora do Rosário. Apesar da homenagem a São Benedito ser feita pelo Juizado de São Benedito, todos a conhecem por Reinado. Seus representantes são também chamados de Reis, ocupando o centro das comemorações de terça-feira, quando seguem no quadro da frente e realizam a festa de distribuição de doces.						

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES		GO	01	00	08	F20	03
 SET-1487- NEUSA YOKO DEHIRA AQUINO DE SÃO JUIZA DO CORDÃO FOTO: SAULO CRUZ, 2008	É a Rainha de São Benedito. Compõe com o Rei de São Benedito o centro das comemorações do Juizado de São Benedito. Quando não há vínculo de parentesco com o Rei, cabe também à Rainha a organização e distribuição de comida e bebida em sua casa, bem como a compra dos fogos e a contratação, juntamente com o Rei, da Banda de Música Phoênix. No dia dedicado às comemorações a São Benedito, terça-feira, a Rainha vem ao lado do Rei no quadro da frente. No dia dedicado a Nossa Senhora do Rosário, compõe o cortejo inicial para buscar o Rei e Rainha, ocupando o segundo quadro.						
 SET-3208- BENEDITO CONSUELO DA VEIGA- REI FOTO: SAULO CRUZ, 2008	É o representante maior do Reinado de Nossa Senhora do Rosário. Ocupa o centro das comemorações de segunda-feira, ficando ao lado da Rainha dentro do quadro que vem à frente do cortejo. É responsável, juntamente com a Rainha de Nossa Senhora do Rosário, pela organização e distribuição de comida e bebida, pelos fogos e pela contratação da Banda Phoênix. Na terça-feira, tem como função compor o cortejo para buscar a Rainha de Nossa Senhora do Rosário e o Rei e a Rainha de São Benedito. Neste dia; ocupa o segundo quadro, que vem atrás do quadro de São Benedito.						
 SET-1477- LAURITA VITORIANO DA VEIGA RAINHA FOTO: SAULO CRUZ, 2008	Compõe com o Rei de Nossa Senhora do Rosário o centro das comemorações do Reinado de Nossa Senhora do Rosário. Quando não há vínculo de parentesco com o Rei, cabe também à Rainha a organização e distribuição de comida e bebida, bem como a compra dos fogos e a contratação, juntamente com o Rei, da Banda de Música Phoênix. No dia dedicado às comemorações a Nossa Senhora do Rosário, segunda-feira, a Rainha vem ao lado do Rei no quadro da frente; e, no dia dedicado a São Benedito, compõe o cortejo inicial para buscar o Rei e Rainha de São Benedito, ocupando o segundo quadro.						
 RESTARQ-0002-VA S-F20 03- GERALDO HERCULANO DE OLIVEIRA ANDADOR FOTO: VANDERLEI ALCANTARA, 2008	O andador, Geraldo Herculano de Oliveira, é o responsável por iniciar o cortejo e o último a deixá-lo. Guardar os objetos do Reinado e resolver quem serão os Reis e Rainhas dos próximos anos é também sua responsabilidade. Ele acumula ainda os cargos de mordomo da fogueira e do mastro, sendo o encarregado de convencer o padre a realizar as missas de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, que nem sempre acontecem. Assim, negociar as missas com o pároco e, às vezes, com o bispo, estabelecer o local de realização do Reinado, seja a Igreja, os trajetos dos cortejos, ou as casas onde acontecerão as festas são atribuições do andador. Ele é um agente ou mediador essencial da tradição dos festejos. Seu envolvimento é tanto, que chega a arcar pessoalmente com despesas para que o ritual se realize de acordo com a tradição.						

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES		GO 01	00 08 F20 03
Tocadores de Caixas	Participantes ativos do Reinado que comparecem nas primeiras horas da manhã para tocar os tambores de couro que produzem o som característico do Reinado. Sua função é acompanhar o cortejo pelas ruas da cidade, uma vez que a tradicional Banda de Couro não participa mais do cortejo para buscar os Reis e Rainhas em suas casas e levá-los à Igreja.	 RESTARQ-0003-VAS-F20 03-TOCADORES DE CAIXA FOTO: VANDERLEI ALCANTARA, 2008	
Congos	Vinda de Jaraguá, a dança do Congo, apresentada em Pirenópolis desde 1935, era antigamente dançada por adultos. Hoje o grupo tem em média doze participantes, com faixa etária entre oito e doze anos. A dança é composta por duas alas de crianças que encenam embaixada e cantam músicas em louvor a Nossa Senhora do Rosário e a São Benedito; ao mesmo tempo, tocam instrumentos de percussão como tambores e chocalhos, reco-reco e triângulo. Vestem-se de branco, saias vermelhas com fitas coloridas e cocar de penas. Apresentam-se no Sábado do Divino, ao meio-dia, na porta da Matriz, acompanham os cortejos do Reinado e participam da coreografia de abertura das Cavalhadas, no primeiro e terceiro dia das encenações. SET-8180 – CONGO FOTO: SAULO CRUZ, 2008		
Congada	O grupo vive em regiões do entorno de Goiânia, mas participa da Festa do Divino de Pirenópolis há pelo menos vinte anos. É convidado para compor os cortejos do Reinado e Juizado, participando também de outros momentos da festa. A Congada tem em média vinte dançadores, um capitão, a porta-bandeira e uma guardiã, agenciadora do grupo, que vive em Pirenópolis. Executam coreografias simples, cantam alguns versos, encenam uma embaixada em homenagem a Nossa Senhora do Rosário e tocam instrumentos artesanais (caixa de couro, reco-reco e pandeiro). Apresentam-se no Sábado do Divino, ao meio-dia, na porta da Matriz, acompanham os cortejos do Reinado e compõem a coreografia de abertura das Cavalhadas no primeiro e no terceiro dia das encenações.	SET – 6533 – CONGADA FOTO: SAULO CRUZ, 2008 	

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES		GO	01	00	08	F20	03
Banda de Couro	Conjunto de percussão das festas dos negros escravos realizadas na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. É a mais antiga banda da cidade, existente desde o século XVIII. É formada principalmente por crianças e adolescentes que desfilam pelas ruas da cidade à noite e nas madrugadas, participando também do Reinado e do Juizado. Quase todos seus instrumentos são de couro – a zabumba, uma caixa grande e pesada que dá ritmo; a rufadeira, caixa menor que faz os recortes dos toques e várias caixas pequenas que dão ritmo. Esses toques onomatopaicos sugerem a seguinte letra que é cantada mentalmente por quem conhece: “<i>vamo, vamo, vamo comê doce</i>”. Ao compasso das batidas dos tambores, um saxofone tocado pelo organizador, Vicente “Melani”, entremeia modinhas tradicionais das festas juninas, como “Cai Cai Balão”, e cantigas de roda como “Pica-Pau no Sertão”, “Vem cá Bitu” e “Mariquinha Muchacha”. No passado, havia outros instrumentos musicais como pífano, clarineta e sanfona. Atualmente integra os festejos do Divino participando das alvoradas, das noites de novenas, da abertura das Cavalhadas e das tocatas na porta da Matriz. Nos cortejos do Reinado e do Juizado, a Banda de Couro participa do momento do levantamento dos mastros e queima das fogueiras e dos cortejos em direção à festa do “doce”.	 SET -2857-BANDA DE COURO FOTO: SAULO CRUZ, 2008					
Banda Phoênix	A participação da Banda Phoênix na Festa do Divino se dá a partir de 1893 quando é fundada, concorrendo com a Banda Euterpe até 1935 quando essa última é extinta e incorporada à Phoênix. A Banda de Música Phoênix está presente em grande parte da Festa do Divino, como alvoradas, cortejos, missas, novenas, levantamento de mastro, queima de fogos e Cavalhadas. A escola de música, sediada no Museu da Família Pompeu, forma os músicos que compõem a Banda. A Banda Phoênix toca músicas sacras, maxixes, marchas, dobrados, modinhas tradicionais e músicas atuais, além do repertório específico para os festejos do Divino, principalmente dobrados, já incorporado à memória coletiva. Participa do Reinado quando é contratada pelo Rei ou Rainha, desfilando apenas no cortejo em direção à festa do “doce” após a missa e tocando algumas músicas dentro da casa. Sua participação tem sido recorrente nos últimos anos na terça-feira, acompanhando o Juizado de São Benedito.	 SET-8452- BANDA PHOENIX FOTO: SAULO CRUZ, 2008					
	Responsável pela celebração das missas de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos na segunda-feira, e São Benedito na terça-feira. Sua participação se limita ao espaço da Igreja, uma vez que não é comum o padre acompanhar os cortejos e comparecer às festas de doces.						
SET – 2809- PADRE OSCAR DE VASCONCELOS FOTO: SAULO CRUZ, 2008							

8.3. CAPITAL E INSTALAÇÕES

DESCRIÇÃO	Bandeiras, fogueiras e fogos
-----------	------------------------------

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	GO 01 00 08 F20 03
--	---------------------------

QUEM PROVÊ	O andador (Geraldo Herculano de Oliveira) Recursos próprios. Dificilmente ocorre patrocínio; quando ocorre, vem da prefeitura.
FUNÇÃO	Preparar as Bandeiras que ficarão nos mastros, as fogueiras e os fogos do cortejo de levantamento dos mastros.
DESCRIÇÃO	Doces, salgados, licores, refrigerantes e fogos
QUEM PROVÊ	Reis e Rainhas. Recursos próprios; dificilmente ocorre algum patrocínio.
FUNÇÃO	Custear os doces, salgados, licores, refrigerantes e fogos. Quando têm posses, arcam com as despesas da contratação da Banda Phoenix.
DESCRIÇÃO	Banda de Couro, madeira da fogueira, Congos e Congada
QUEM PROVÊ	Prefeitura Municipal de Pirenópolis. Verbas públicas.
FUNÇÃO	Transporte da madeira da fogueira, pagamento da Banda de Couro e organização dos grupos participantes (Congos e Congada).

8.4. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO	
DESCRIÇÃO	Não se aplica
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	
DISPONIBILIDADE	

8.5. COMIDAS E BEBIDAS	
DESCRIÇÃO	Vinhos e licores são elementos tradicionais, assim como pastelinho, queijo-leite e doces de frutas cristalizadas, responsáveis pelo colorido da mesa. Outros itens foram acrescentados à tradição como chás, sucos, refrigerantes, cerveja e quitutes como broa, pipoca (peta), biscoito, roscas, canudinho, mané-pelado (espécie de bolo da mandioca), bolos e doces em pedaços. Os mais comuns atualmente são os salgadinhos, como, por exemplo, empadinha de galinha, quibe, pastel, rizole e pão-pereira. Os comes e bebes são servidos na porta, pois somente a corte e (dependendo do tamanho da residência) os grupos participantes entram na casa. O público é servido na calçada e na rua.
QUEM PROVÊ	Os Reis e Rainhas, sendo raros os donativos.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A distribuição farta de alimentos e as quantidades exageradas são características marcantes do festejo, sendo importante, segundo a tradição, apresentar pratos coloridos. Em 2008, para um público aproximado de 1500 participantes foram feitos entre 80 e 100 centenas de salgados e aproximadamente 5.000 doces.

8.6. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS	
DESCRIÇÃO	Bandeiras dos santos que ficam nos mastros.
QUEM PROVÊ	O andador (Geraldo Herculano de Oliveira) e a devota Divina de Oliveira

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	GO 01	00 08 F20 03
--	--------------	---------------------

FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Homenagear Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e a São Benedito, indicando o início das comemorações.
DESCRIÇÃO	Fogueiras.
QUEM PROVÊ	O andador (Geraldo Herculano de Oliveira)
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Juntamente com o levantamento das Bandeiras, homenageiam Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e São Benedito, indicando o início das comemorações.
DESCRIÇÃO	Coroas de prata para o Rei e Rainha de Nossa Senhora do Rosário e para o Juiz e Juíza do cordão de São Benedito.
QUEM PROVÊ	O andador (Geraldo Herculano de Oliveira) que, ao longo do ano, guarda as coroas em sua residência.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	São os símbolos do poder que justificam a delimitação de um lugar festivo, embora seja a representação de uma corte de negros. Seus Reis e Rainhas portam os símbolos europeus da realeza. Têm a função de compor a estrutura do Reinado, identificando e diferenciando os Reis e Rainhas dos demais participantes. As coroas do Reinado são um pouco menores do que as do Juizado. A autoridade atribuída pelo cargo manifesta-se por um curto período de tempo, somente durante o cortejo pelas ruas. As coroas não ocupam lugar de destaque, como na Festa do Divino, onde fica entronizada e é alvo de veneração. Atualmente, não há um ritual de coroação nem a representação de vínculo entre os Reis e Deus. Dentre outros aspectos, portar as coroas é assumir os gastos com a distribuição de comida e bebida.
DESCRIÇÃO	Prato, também conhecido por Comenda.
QUEM PROVÊ	O andador (Geraldo Herculano de Oliveira) o segura durante todo o percurso do Reinado.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Tem o formato de uma bandeja redonda e compõe a estrutura do Reinado. Usada no passado, no tempo das Irmandades, para colher as esmolas, daí a importância de quem a portava. Hoje, além de identificar o organizador, serve para depositar a coroa do Rei de Nossa Senhora do Rosário durante a missa.
DESCRIÇÃO	Varas de madeira e varas de prata
QUEM PROVÊ	O andador (Geraldo Herculano de Oliveira) que, ao longo do ano, guarda as varas em sua residência.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Compõem a estrutura hierárquica do Reinado, identificando os partícipes que demonstram envolvimento com os festejos e a intenção de promover a festa. Essas varas ficam à frente dos quadros e atrás das Bandeiras dos santos, formando duas filas, mulheres e homens: quanto mais altos na hierarquia, mais próximo dos quadros. No passado, eram as Irmandades que definiam quem seriam os “empregados”, os quais portavam as varas e pagavam “jóias” de acordo com a posição que ocupavam na hierarquia. Assim, do menor para o maior grau de importância, eram definidos os Juizes e Juízas: 2º Juiz e Juíza das flores, 1º Juiz e Juíza das flores, Juiz e Juíza do Manto, Juiz e Juíza do Ramalhete e Juiz e Juíza do Cordão (hoje conhecidos por Rei e Rainhas de São Benedito, que portavam as varas de madeira) e o Juiz e Juíza da vara de prata.
DESCRIÇÃO	Quadros
QUEM PROVÊ	O andador (Geraldo Herculano de Oliveira) que, ao longo do ano, os guarda em sua residência.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	São varas roliças de madeira que formam dois quadrados, compondo a estrutura do Reinado e separando as cortes. Em um quadro, seguem o Rei e a Rainha de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e, no outro, o Juiz e a Juíza de São Benedito. A corte que vem à frente define o santo homenageado.
DESCRIÇÃO	Bandeiras de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e São Benedito. Fundo branco com estampa das figuras dos santos.
QUEM PROVÊ	O andador (Geraldo Herculano de Oliveira) que, ao longo do ano, guarda as Bandeiras em sua residência.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	GO 01	00 08 F20 03
--	--------------	---------------------

FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Compor a estrutura do Reinado, vindo à frente do cortejo.
DESCRIÇÃO	Caixas de couro.
QUEM PROVÊ	O andador (Geraldo Herculano de Oliveira) que, ao longo do ano, as guarda em sua residência.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Tambores de madeira e couro que produzem percussão característica do Reinado. São iguais às caixas da Banda de Couro, mas sua função é tocar exclusivamente nos cortejos do Reinado. A Banda de Couro não acompanha todos os cortejos do Reinado, devido à sua incorporação em outros momentos da Festa do Divino, deixando de acompanhar o cortejo inicial, antes da missa. Daí a presença dessas caixas que só se apresentam no Reinado e são tocadas por simpatizantes dos festejos, sem preparação ou ensaios.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	GO 01 00 08 F20 03
--	---------------------------

8.7. TRAJES E ADEREÇOS	
DESCRIÇÃO	Não há trajes próprios durante o Reinado. Às vezes, quando a Rainha é uma criança, veste-se como uma dama da corte européia. Os Reis costumam usar ternos.
QUEM PROVÊ	Os próprios participantes
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Diferenciar-se dos demais participantes.
DESCRIÇÃO	A Congada usa chapéu de palha e uma camiseta que indica o ano da festa e o patrocinador, servindo também como uniforme para o grupo.
QUEM PROVÊ	As camisetas são oferecidas pelos patrocinadores e usadas também pela equipe de organização da festa; os chapéus de palha são doados pela prefeitura.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Diferenciar-se dos demais participantes.
DESCRIÇÃO	Os Congos se apresentam com cocar de penas, calças e blusa brancas e saia vermelha enfeitada com fitas coloridas. O Rei e o embaixador usam capas bordadas com lantejoulas. Usam tênis brancos e portam alguns instrumentos de percussão (caixas, reco-reco e triângulo).
QUEM PROVÊ	A prefeitura
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Identificar os participantes do grupo, diferenciando-os dos demais.
DESCRIÇÃO	A Banda de Música Phoenix tem uniforme próprio composto por calça, camisa ou camiseta. Duas calças pretas e duas azuis, uma com lista e outra sem lista. Camisetas brancas com variações na gola (azul ou preta), para combinar com as calças, camiseta amarela. Uniforme de gala: camisa preta (pólo ou gola em V) com emblema da Banda gravado no bolso e calça preta; calça preta, camisa social e gravata (pouco utilizado). A cor da banda é o amarelo ouro e seus uniformes variam do amarelo, branco ou preto para as camisetas e preto ou azul marinho para as calças.
QUEM PROVÊ	O pagamento dos músicos e a confecção dos uniformes são realizados com verbas públicas municipais e estaduais. É comum o recebimento de doações realizadas por simpatizantes e empresas privadas.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	O uniforme padroniza os músicos, remetendo a sua origem militar. Além disso, divulga o emblema da banda.
DESCRIÇÃO	Os membros da Banda de Couro vestem camisetas oferecidas pelos patrocinadores, também usadas pelo grupo de apoio que trabalha no Campo das Cavalhadas.
QUEM PROVÊ	As camisetas são oferecidas pelos patrocinadores; os instrumentos são doados e mantidos pela prefeitura.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Identificar a Banda.

8.8. DANÇAS	
DESCRIÇÃO	Com exceção dos partícipes da Congada, as danças não são comuns durante o Reinado.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	GO 01 00 08 F20 03
--	---------------------------

QUEM EXECUTA	A Congada
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Realizar embaixada em homenagem a Nossa Senhora do Rosário. A musicalidade modulada pelas caixas de couro e pelo reco-reco, somada ao som das vozes que pronunciam letras homenageando os santos, caracteriza a melodia enunciada pela Congada e dá cadência à dança realizada pelo grupo.

8.9. MÚSICAS E ORAÇÕES

DESCRIÇÃO	A Banda de Couro, também chamada de Zabumba (fazendo referência ao tambor maior que marca o compasso) e a Banda do Reinado (composta somente pelos tambores menores) produzem os toques onomatopaicos que sugerem a seguinte letra: <i>vamo, vamo, vamo comê doce</i>. As músicas entoadas pelos instrumentos de sopro (saxofone, clarinete ou pistão) pela Banda de Couro são músicas tradicionais juninas e cantigas de roda e, como tal, possuem infinitas variantes. Entretanto, não se canta em voz alta durante os cortejos, embora a letra, em suas várias versões, seja conhecida por todos: <i>Pica-pau lá no sertão (bis)</i> <i>Não é como o daqui não (bis)</i> <i>O de lá bica no pau (bis)</i> <i>O daqui no coração (bis)</i> <i>Vem cá, Bitu, vem cá, Bitu</i> <i>Vem cá, Bitu, vem cá</i> <i>Não vou lá, não vou lá, não vou lá</i> <i>Tenho medo de apanhar</i> (a melodia utilizada para essa letra é da música tradicional junina “Cai, cai balão”). <i>Mariquinha muchacha (bis)</i> } (Refrão) <i>Que é que está fazendo, Mariquinha?</i> <i>Tô cumeno bulacha</i> – ou as variantes: <i>Tô bebeno cachaça; Tô plantano batatas; Eu to torrando café/ Torra bem torradinho, Mariquinha (bis) /Refrão/ Bolinho de fubá/ Prá botá na mesa, Mariquinha/ Pra Sinhá tomá.</i> Existe, ainda, a variante encontrada na Revista Folclórica (1973): <i>Penteando o meu cabelo (bis), pra ficar bem penteadinho, Mariquinha</i> – assim continua até citar toda a toalete. Fontes: FOLCLÓRICA, Goiânia. <i>Revista do Instituto Goiano do Folclore</i>. N° 2, ano 2, 1973, p.73. LÔBO, Tereza Caroline. <i>A singularidade de um lugar festivo: o Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e o Juizado de São Benedito em Pirenópolis</i>. Goiânia. UFG. 2006. (Dissertação de Mestrado) Informações colhidas durante o trabalho de campo do Registro da Festa do Divino/2008.
QUEM PROVÊ	A Banda de Couro, custeada por verbas públicas e doações voluntárias, sendo ensaiada há vários anos por Vicente Sebastião de Pina (ou Vicente Melani). As caixas de couro do Reinado pertencem a Geraldo Herculano de Oliveira, o organizador, sendo tocadas por voluntários.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Dar ritmo e cadência ao Reinado durante os cortejos pelas ruas e nas casas dos Reis e Rainhas.
DESCRIÇÃO	Músicas executadas pela Banda Phoênix
QUEM PROVÊ	Arquivos da Banda Phoênix

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	GO 01	00 08 F20 03
--	--------------	---------------------

FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Ver ficha do INRC GO-01-00-08-F40-01
DESCRIÇÃO	Músicas executadas pelo Coral de Nossa Senhora do Rosário, cantadas durante as missas de Nossa Senhora do Rosário, na segunda-feira, e São Benedito, na terça-feira. São músicas que entremeiam os rituais da celebração da missa, no momento que o Reinado está dentro da Igreja. Entretanto, o Coral não participou do Reinado em 2008.
QUEM PROVÊ	Coral de Nossa Senhora do Rosário, uma iniciativa da comunidade local.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Compor os rituais de celebração das missas que fazem parte do Reinado e Juizado.
DESCRIÇÃO	A musicalidade modulada pelos tambores de couro e pelo reco-reco executadas pela Congada são somadas ao som das vozes dos componentes do grupo, formado em média por vinte dançadores. As músicas são executadas durante a encenação de uma embaixada em homenagem a Nossa Senhora do Rosário. É importante destacar que essa Congada não pertence à cidade; os dançadores moram nas proximidades de Goiânia e há mais de vinte anos freqüentam a Festa do Divino, tocando e dançando em vários momentos: no Sábado do Divino na porta da Matriz e na cerimônia de abertura e encerramento das Cavalhadas, dentre outros. Foram incorporados aos cortejos do Reinado, dividindo o espaço de execução das músicas com a Banda de Couro e a Banda Phoênix.
QUEM PROVÊ	A Congada recebe ajuda de custo da prefeitura para transporte e alimentação.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Por homenagear Nossa Senhora do Rosário, compõe os cortejos do Reinado pelas ruas da cidade, identificando a celebração como festejo de negros escravos e reunindo elementos temáticos africanos e ibéricos (Cascudo, 2001).
DESCRIÇÃO	O Congo canta músicas em louvor a Nossa Senhora do Rosário e a São Benedito, ao mesmo tempo em que toca instrumentos de percussão como tambores e chocalhos.
QUEM PROVÊ	O Congo é custeado por verbas públicas. Os garotos que participam são voluntários as verbas são aplicadas nas vestimentas.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Por homenagear Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, compõe os cortejos do Reinado pelas ruas da cidade, identificando a celebração como festejo de negros escravos e reunindo elementos temáticos africanos, ibéricos e indígenas.

8.10. INSTRUMENTOS MUSICAIS	
DESCRIÇÃO	Banda Phoênix (consultar ficha do INRC GO-01-00-08-F40-01)
QUEM PROVÊ	A própria Banda
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	É a responsável pelo clima de euforia tradicional do Reinado e pelo grande número de participantes no cortejo que vai para a casa dos Reis e Rainhas.
DESCRIÇÃO	Caixas de couro (tambores)
QUEM PROVÊ	Banda de Couro (a prefeitura), caixas do Reinado (Geraldo Herculano de Oliveira – organizador do Reinado) e os tambores da Congada (membros do grupo).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	GO 01	00 08 F20 03
--	--------------	---------------------

FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Os tambores são feitos artesanalmente de madeira de tamboril e couro de vaca curtido, sendo comum o couro de onça. É composta de zabumba, rufadeira e vários instrumentos de percussão da família do tambor. As caixas produzem um som grave responsável por toques característicos que dão identidade a essa festividade. O toque produzido pelas caixas tradicionais do Reinado, como a Banda de Couro e os tocadores de caixas, sugere a repetição da letra cantada mentalmente pelos partícipes “<i>vamo, vamo, vamo comê doce</i>”. Já as músicas da Congada têm toques diferenciados que entremeiam o som das caixas com o reco-reco e as músicas que traduzem uma embaixada à Nossa Senhora do Rosário. O ritmo é mais rápido e acompanhado por passos específicos de dança.
-----------------------------	---

8.11. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO	
EXECUTANTE	ATIVIDADE
Andador	Recolher após cada dia as insígnias do Reinado: varas, coroas, quadros, bandeiras e caixas de couro.

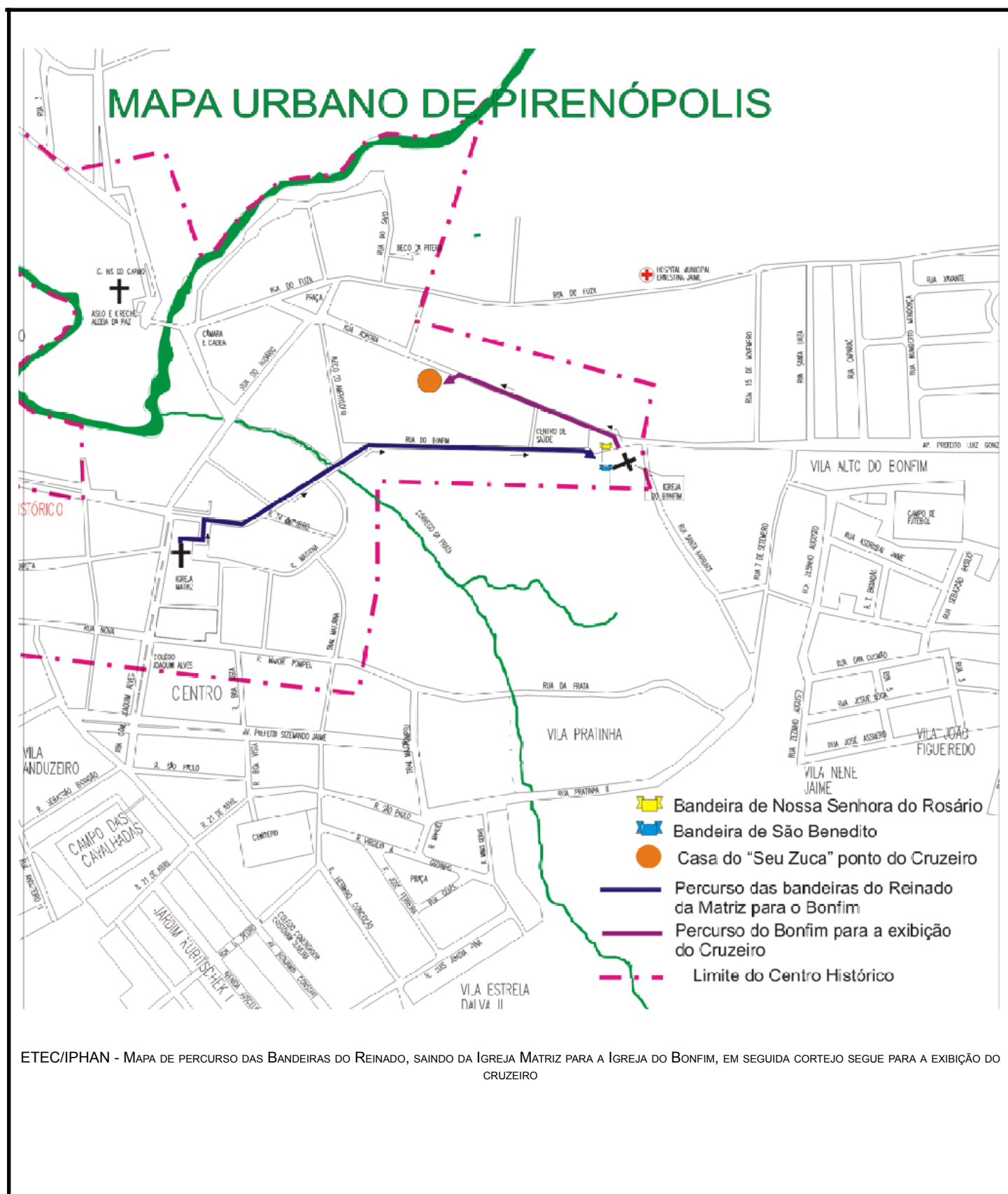
9. PÚBLICO

DESCRIÇÃO
No primeiro momento em que o cortejo se forma, o público é constituído basicamente por alguns tocadores de caixas, porta-bandeiras, aqueles que seguram os quadros e os Reis e Rainhas, em uma média de 20 participantes. Durante as missas, o público é maior, havendo quase a mesma quantidade de participantes dentro e fora da Igreja. Na missa de São Benedito o público é maior. No cortejo de volta às casas dos Reis e Rainhas, o público é ampliado, composto por pirenopolinos que não moram mais na cidade, mas que a visitam durante os festejos; moradores da cidade que têm identificação com esta festa (pagadores de promessas), poucos turistas, migrantes, entre outros, que ocupam toda a rua, sem a preocupação de se organizar em filas. O clima é de descontração e os participantes caminham acompanhando os ritmos musicais apresentados (Congada, Banda de Couro e Banda de Música). Não existe preocupação com a ordem rígida de organização do cortejo, como acontece na procissão do Imperador do Divino. O público estimado é de 1200 a 1500 participantes por dia nos últimos quatro anos. No cortejo final de devolução dos Reis, após a distribuição de doces, o público diminui.

10. BENS ASSOCIADOS

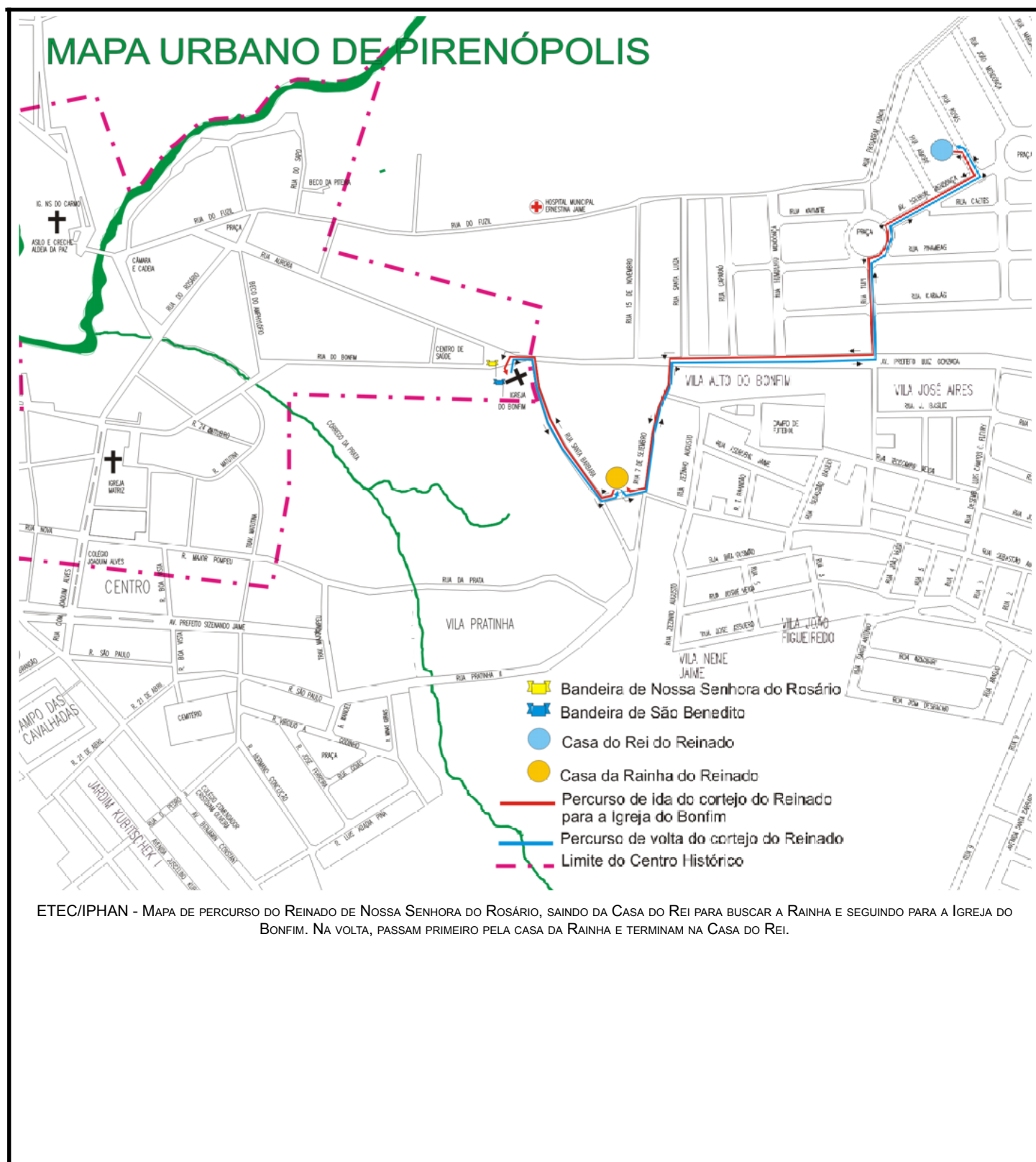
DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Banda de Couro	GO-01-00-08-F01-03
Congo	GO-01-00-08-F01-03
Congada	GO-01-00-08-F01-03
Banda Phoênix	GO-01-00-08-F40-01
Bandeiras	GO-01-00-08-F01-03
Tapuios	GO-01-00-08-F01-03

11. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS



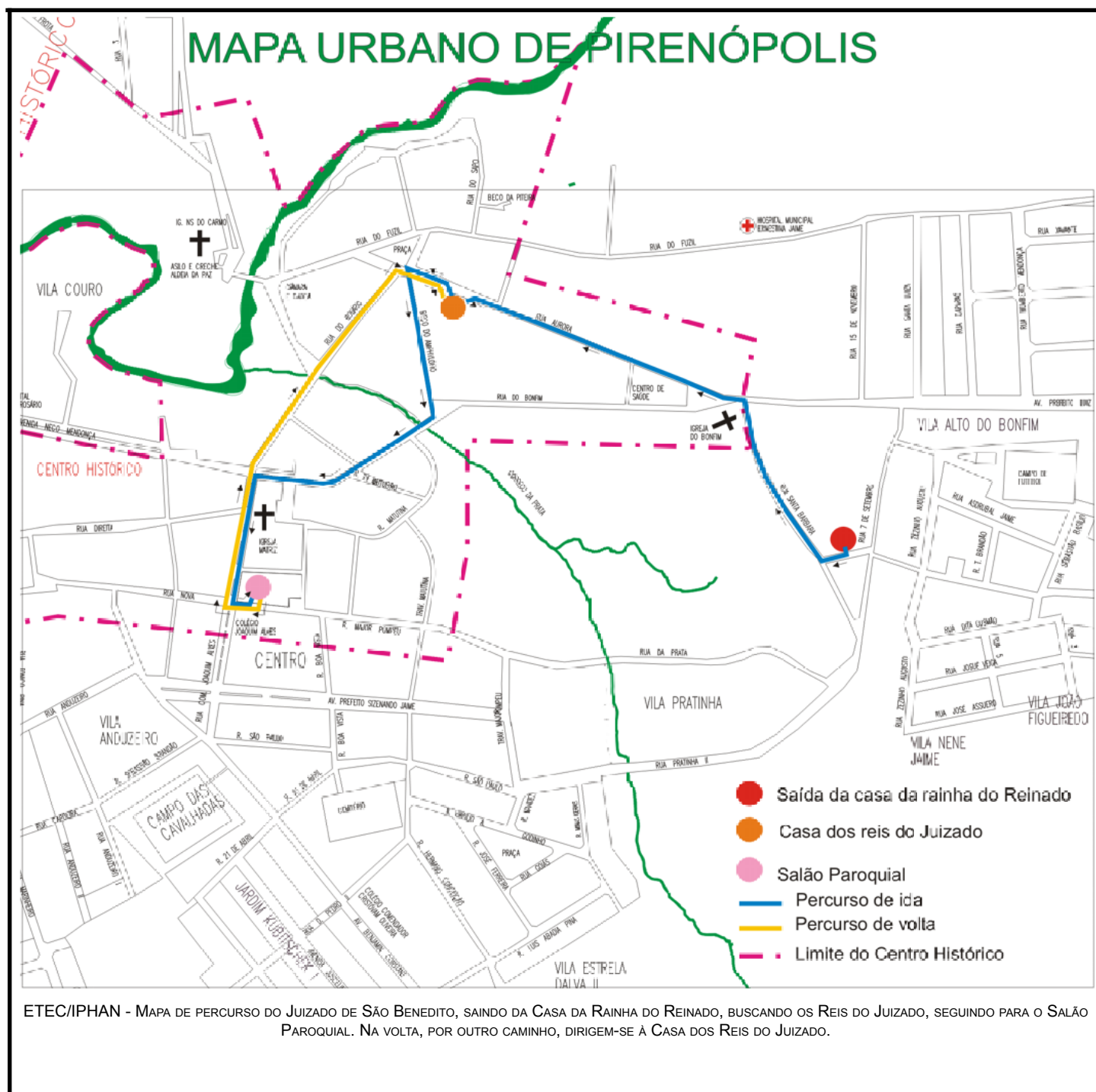
FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES

GO 01 00 08 F20 03



FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES

GO 01 00 08 F20 03



12. DOCUMENTOS INVENTARIADOS

12.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	GO 01	00 08 F20 03
--	--------------	---------------------

ARQUIVO PARTICULAR DE GERALDO HERCULANO DE OLIVEIRA, Pirenópolis. *Livro de Atas das Irmandades de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário* – 1919 a 1992.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O Divino, o Santo e a Senhora*. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1978, 163p.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 11ª ed. São Paulo. Global, 2001.

CURADO, Glória Grace. *Pirenópolis uma cidade para o turismo*. Goiânia, Oriente, 1980, 176p.

FOLCLÓRICA, Goiânia. *Revista do Instituto Goiano do Folclore*. N° 2, ano 2, 1973, p.73.

IPEHBC – *Livro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos* – 1758.

LÔBO, Tereza Caroline. *A singularidade de um lugar festivo: o Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e o Juizado de São Benedito em Pirenópolis*. Goiânia. UFG. 2006. (Dissertação de Mestrado)

12.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

Consultar Anexo - Registros Audiovisuais GO-01-00-08-F01-A2

- Entrevista concedida por Divina de Oliveira em 12 de maio de 2008.
- Entrevista concedida por Laurita Vitoriano da Veiga em 12 de maio de 2008
- Entrevista concedida por Manoel Inácio D'Abadia Aquino de Sá Filho em 13 de Maio de 2008
- Entrevista concedida por Sebastião Profeta do Amaral em 12 de maio de 2008

12.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Consultar Anexo - Registros Audiovisuais GO-01-00-08-F01-A2

13. OBSERVAÇÕES

13.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO

As Atas das Irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e São Benedito. As confrarias são muito antigas e remontam ao período da mineração. Essa documentação contém as primeiras reuniões, as mesas diretoras e as eleições para os cargos dos festejos. Os livros de atas estão hoje em lugares diferentes: Instituto de Pesquisa e Estudos históricos do Brasil Central (IPEHBC) em Goiânia e na casa do atual andador (Geraldo Herculano de Oliveira); alguns livros estão desaparecidos.

Os cargos das insígnias, Juízes das Flores, do Manto, do Ramalhete e das Varas de Prata. A estruturação das Irmandades do Rosário e São Benedito.

A Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, demolida da década de 1940, que sediava todas as festividades do Reinado e Juizado e as reuniões das Irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e São Benedito.

A história da Banda de Couro, a Zabumba, a primeira banda da cidade, composta basicamente por instrumentos artesanais e que possuía alguns toques de percussão que não são mais executados (toque muquém, por exemplo).

13.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

Novena do Espírito Santo (ficha do INRC GO-01-00-08-F01-A3)

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	GO 01 00 08 F20 03
--	---------------------------

13.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

Nas manifestações culturais locais, havia um grupo conhecido como “Dança do Tapuio” que se apresentava durante os festejos do Divino desde 1947, e acompanhava os cortejos do Reinado. O grupo era composto por 12 a 20 pessoas vestidas de índios, que encenavam a vingança pela morte de um príncipe indígena morto pelos cristãos e que um dia foi ressuscitado por força do Espírito Santo (Curado, 1980). Esse grupo não se apresenta há vários anos, mas permanece na memória dos ex-participantes. É a presença do índio numa festa de origem européia e que tem presença da matriz cultural negra.

Em dados coletados ao longo dos anos de 1973 a 1975, Brandão (1978) formula explicações sobre como são praticados e reconhecidos os rituais negros católicos em Pirenópolis, identificando o Reinado como a “parte menor” ou “outra festa” em detrimento à grande festa anual de culto ao Divino Espírito Santo. A dicotomia entre os dois festejos considera o modo como seus promotores os articulam, ou seja, enquanto a Festa do Divino é promovida e controlada por segmentos dominantes sócio-economicamente, o Reinado o é “pela gente pobre da cidade”. . Nos dias atuais, o Reinado por ser pouco divulgado, figura como um momento de encontro da população local para reviver suas tradições, não sendo, portanto uma festa de “negros” ou de “pobres”. Outra idéia, bastante divulgada, também precisa ser reconsiderada: a de que aqueles que nos festejos do Divino não conseguem ser nada além de “ajudantes”, no Reinado são “personagens” passíveis de atuar como Reis, Rainhas ou Juizes. Não foi o que verificamos este ano, quando, por exemplo, o Juiz de São Benedito já foi Imperador do Divino, bem como o esposo de Dona Laurita, Rainha de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos

Brandão, no final da década de 1970, afirma que o Reinado se conserva em Pirenópolis graças: “a) à presença e à intervenção do fabricante junto aos agentes da Festa do Divino; b) aos esforços e ao controle do zelador junto às pessoas das Irmandades e aos que anualmente se apresentam para assumir um dos ‘empregos’ do ritual” (1978, p.87). Passados mais de trinta anos, mesmo com a morte do zelador das extintas Irmandades, o ritual nunca deixou de acontecer e tem tido seu festejo ampliado em número de partícipes, como atestamos em nossas observações (Lôbo, 2006).

Fontes:

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O Divino, o Santo e a Senhora. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1978, 163p.

LÔBO, Tereza Caroline. A singularidade de um lugar festivo: o Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e o Juizado de São Benedito em Pirenópolis. Goiânia. UFG. 2006. (Dissertação de Mestrado)

14. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS			
PESQUISADOR(ES)	Tereza Caroline Lôbo		
SUPERVISOR	Marina de Macedo Soares		
REDATOR	Tereza Caroline Lôbo	DATA	04/11/2008
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Marina de Macedo Soares		